



PLATAFORMA DE PAZ E SEGURANÇA DE CABO DELGÁDO



<https://multimedia.europarl.europa.eu>

www.cddmoz.org

Sexta - feira, 21 de Junho de 2024 | Ano 3, n.º 51 | Director: Prof. Adriano Nuvunga | Português

PELA TROPA RUANDESA EM MOCÍMBOA DA PRAIA

Reconstrução de escola, distribuição de material escolar e didáctico a alunos e professores é uma das formas de consolidação da ruandização de Cabo Delgado

- A tropa de Kigali também distribuiu redes mosquiteiras a 700 mulheres grávidas na localidade de Ntotwe no distrito de Mocímboa da Praia



- Militarmente, o Ruanda está bem instalado em Cabo Delgado, principalmente em Palma, Mocímboa da Praia e Mueda. A acção de Ntotwe sugere uma viragem para a parte social, provavelmente com o objectivo de captar a simpatia das comunidades

As forças de defesa e segurança do Ruanda entregaram esta semana, às autoridades moçambicanas, as obras de reconstrução da Escola Primária de Ntotwe, na localidade com o mesmo nome, no distrito de Mocímboa da Praia, em Cabo Delgado. A cerimónia de entrega das obras, que contou com a presença do administrador de Mocímboa da Praia, Sérgio Cipriano, em representação do Governo, foi dirigida pelo Major-General Alex Kagame, comandante da tropa ruandesa em Moçambique. Segundo a Televisão de Moçambique (TVM), as obras consistiram na reposição do tecto e pintura.

A Escola foi destruída pelos terroristas no ataque de 3 de Janeiro. Ainda segundo a TVM, a infraestrutura recebe por dia 500 alunos. Na ocasião, a tropa ruandesa teria distribuído material escolar e didáctico a alunos e professores, e 700 redes mosquiteiras a mulheres grávidas.

O Centro para Democracia e Direitos Humanos (CDD) entende que a acção da tropa ruandesa em Ntotwe é uma das formas de consolidação da ruandização de Cabo Delgado que começou em 2021 com o envio do primeiro contingente de 1500 homens para ajudar o país no combate

ao terrorismo e extremismo violento que assola Cabo Delgado desde 5 de Outubro de 2017.

Neste momento, o Ruanda está com um contingente de mais de 3500 homens em Cabo Delgado. Portanto, militarmente, o Ruanda está bem instalado em Cabo Delgado, principalmente em Palma, Mocímboa da Praia e Mueda. A acção de Ntotwe sugere uma viragem para a parte social, provavelmente com o objectivo de captar a simpatia das comunidades.

Isto acontece numa altura em que as tropas do Ruanda têm maior aceitação da população em relação às Forças de Defesa e Segurança (FDS) moçambicanas. Segundo a “Carta de Moçambique”, tal se deve ao ambiente¹ de boas relações que os homens de Paul Kagame mantêm com as famílias regressadas nos bairros da vila de Mocímboa da Praia e arredores.

Segundo uma fonte da “Carta de Moçambique”, as FDS são vistas com desconfiança pelos civis. De acordo com a publicação que temos vindo a citar, os soldados ruandeses financiam os jovens para a realização de pequenos negócios. Fala-se numa cultura de diálogo que permite a recolha de informação relevante que ajuda a controlar os movimentos estranhos no distrito de Mocímboa da Praia.

Consolidação da ruandização de Cabo Delgado em fim de mandato é preocupante

Na mais recente visita do Presidente da República, Filipe Nyusi, a Kigali, capital do Ruanda, a relação que com o tempo vai pendendo mais para o lado de interesses pessoais do que propriamente de Estado, pelo menos do lado moçambicano, deu mais um passo. Kigali vai despachar mais militares, em número não especificado, para se juntarem aos 2500 que se encontram em Cabo Delgado desde 2021.

A informação foi partilhada pelo PR na hora do balanço da visita de dois dias (16 e 17 de Maio) que efectuou a Kigali. É uma mensagem clara que Nyusi emite do ponto de vista de preferência de ajuda para o combate ao terrorismo depois de prescindir da ajuda da força da Missão Militar da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral em Moçambique (SAMIM), alegadamente por falta de dinheiro para financiar as

¹ <https://cartamz.com/index.php/politica/item/14016-boas-relacoes-dos-soldados-ruandeses-com-a-populacao-em-mocimboa-da-praia-ofuscam-agentes-da-forca-mocambicana>

operações da missão.

O CDD considera preocupante a inclinação de Nyusi para Kigali tendo em conta dois aspectos. O primeiro e o mais importante é que Nyusi está em fim de mandato e, por isso, se devia abster de tomar tão importante decisão e cuidar de fazer as malas para a reforma. O segundo aspecto tem que ver com o facto de que a relação entre Kigali e Maputo nunca foi transparente, sobretudo do ponto de vista de ganhos que o Ruanda tem ajudando Moçambique, tirando a entrega dos opositores políticos de Paul Kagame que se encontram em Moçambique, por via do Acordo de Extradução recentemente ratificado pelos deputados da Frelimo na Assembleia da República.

O reforço do contingente militar acontece numa altura em que a SAMIM está a sair de Cabo Delgado, alegadamente por falta de dinheiro para financiar as operações da missão, mas também com a justificação de que a situação de segurança está controlada. A decisão de desmobilização da SAMIM foi tomada em Setembro de 2023 em Luanda e mantida pela Cimeira de Lusaka, em Abril. A SAMIM está em Cabo Delgado desde meados de 2021 e compreende oito países do bloco regional, nomeadamente Angola, Botswana, RDC, Lesotho, Namíbia, Malawi, África do Sul, Tanzânia e Zâmbia.

Ora, daqui emergem duas questões. A primeira é a de saber o que vêm, então, fazer as tropas ruandesas se a situação de segurança está controlada. A segunda é: qual é a fonte de financiamento dos militares despachados para Cabo Delgado, tendo presente que o Governo moçambicano não tem dinheiro?

Há, para nós, uma resposta que parece óbvia: Kigali é a preferência de quem governa Moçambique para as operações em Cabo Delgado. No balanço da visita que fez a Kigali, Nyusi deixou claro que o novo contingente vai garantir segurança nas regiões que eram de actuação da SAMIM que deve abandonar o país até Julho, sendo que neste momento já saíram do Teatro Operacional Norte as tropas de Angola, Botswana, Lesotho e Namíbia.

Informação disponível dá conta de que pesou para a saída da SAMIM a relação tensa que se criou entre o bloco regional e Filipe Nyusi, que é acusado de dar mais atenção à tropa ruandesa. Pesou também para a saída da SAMIM o sentimento de que se estava a combater ao lado da tropa inimiga. É que a SADC tem uma tropa a combater o M23, um movimento apoiado pelo Ruanda.

O Presidente da RDC, Félix Tshisekedi, que em 19 de Maio foi vítima de uma tentativa de golpe de estado por indivíduos ligados aos insurgentes que actuam naquele país, tem estado a denunciar que há uma mão de Kigali na guerra na RDC.

É preciso lembrar que a relação entre a SAMIM e o Ruanda foi desde os primeiros dias problemática. É que o Ruanda chegou primeiro a Cabo Delgado, ou seja, o Governo criou condições para receber e acomodar o Ruanda antes da SAMIM, o que deixou a liderança do bloco, sobretudo a África do Sul. A mesma África do Sul, lembre-se, disse há dias que estaria disponível para continuar em Cabo Delgado, mas ainda não teve resposta do Governo.

Relações entre o Ruanda e Kigali ganharam outro dinamismo no consulado de Filipe Nyusi

Em 2019 é aberta a embaixada ruandesa em Maputo, num contexto de perseguição que se manifestou através de raptos e assassinatos de opositores políticos de Paul Kagame. A implantação da embaixada foi vista pelos refugiados ruandeses como sendo um dos factores que pioraram a sua segurança em Moçambique, sobretudo depois da indicação de Claude Nibansanze, como Alto Comissário, o mesmo diplomata que em 2014 foi expulso da África do

Sul por suspeitas de envolvimento no assassinato de Patrick Karegeya, antigo chefe dos serviços secretos do Ruanda, encontrado morto num hotel de Joanesburgo.

Com a instalação da embaixada, apontada como centro de planificação das incursões do esquadrão da morte ruandês, foram mortos ou raptados muitos refugiados. Por exemplo, em 2019, foi assassinado Louis Baziga². Louis Baziga foi assassinado com uma arma na Av. da OUA,

conhecida como “Estrada Velha”, próximo da loja “Midas” na cidade da Matola.

Em 13 de Setembro de 2021, Revocant Karemangingo, vice-presidente da Associação dos Refugiados Ruandeses em Moçambique (ARRM), foi assassinado a tiro perto da sua residência, no Bairro Liberdade, cidade da Matola. Revocant Karemangingo foi a primeira vítima do esquadrão da morte ruandês depois da entrada da tropa ruandesa em Moçambique.

Ainda no ano de 2021, concretamente no mês de Maio, a comunidade ruandesa reportou o desaparecimento forçado do jornalista Ntamuhanga Cassien, que se encontrava exilado na Ilha de Inhaca, cidade de Maputo. Cassien, de 37 anos, foi raptado por um grupo de oito pessoas que se identificaram como sendo agentes da PRM. Mais tarde circularam informações segundo as quais Ntamuhanga Cassien tinha sido extraditado para o Ruanda para cumprir uma pena de 25 anos a que foi condenado em 2017 por crimes de conspiração contra o Governo e cumplicidade em acto terrorista, num processo com motivações políticas. Não obstante a intensificação das acções do esquadrão da morte ruandês no mandato de Nyusi, as primeiras vítimas de Kigali foram feitas em 2002, com o assassinato de Théogène Turatsinz.

Em 2021, Kigali envia a sua tropa para Cabo Delgado, principalmente para o coração e cintura do projecto de gás de Afungi. Ainda no ano de 2021, concretamente no mês de Maio, a comunidade ruandesa reportou o desaparecimento forçado do jornalista Ntamuhanga Cassien, que se encontrava exilado na Ilha de Inhaca, cidade de Maputo. Cassien, de 37 anos, foi raptado por um grupo de oito pessoas que se identificaram como sendo agentes da PRM. Mais tarde circularam informações segundo as quais Ntamuhanga Cassien tinha sido extraditado para o Ruanda para cumprir uma pena de 25 anos a que foi condenado em 2017 por crimes de conspiração contra o Governo e cumplicidade em acto terrorista, num processo com motivações políticas. Não obstante a intensificação das acções do esquadrão da morte ruandês no mandato de Nyusi, as primeiras vítimas de Kigali foram feitas em 2002, com o assassinato de Théogène Turatsinz.

Em 2021, Kigali envia a sua tropa para Cabo Delgado, principalmente para o coração e cintura do projecto de gás de Afungi, sem clareza sobre as

contrapartidas, o que levanta suspeitas de que Kigali venha a ter dividendos no gás a ser extraído de Afungi. Neste mês foram enviadas mais tropas de Kigali para Cabo Delgado, em 3 de Junho de 2022, em Kigali, capital do Ruanda, são assinados dois acordos: pelo Ministro de Estado para os Assuntos Constitucionais e Legais do Ruanda, Nyirahabamina Soline, e pela Ministra da Justiça, Assuntos Constitucionais e Religiosos de Moçambique, Helena Kida.

Trata-se do Acordo de Extradicação e do Acordo sobre a Assistência Mútua Legal em Matéria Criminal, cuja aprovação pelo Conselho de Ministros foi feita em Fevereiro de 2023, e a ratificação pela Assembleia da República em Março de 2024, o que legaliza a perseguição dos refugiados ruandeses em Moçambique. Chegados aqui, não parece haver dúvidas de que o Ruanda é o parceiro ideal para Nyusi no combate ao terrorismo.

Mas o grande amigo de Filipe Nyusi é uma figura conhecida como alérgica à democracia e violadora de direitos humanos. Em Kigali não há oposição. É Kagame que escolhe a dedo os seus opositores. Os opositores de verdade são perseguidos, presos, seviciados e em casos extremos assassinados. Uma das moedas de troca pela ajuda que Kigali presta a Moçambique é a aprovação e ratificação do Acordo de Extradicação entre os dois países, um acordo que só beneficia o Ruanda, tendo em conta que não se conhece um único indivíduo procurado pela justiça moçambicana que se encontre no Ruanda.

O CDD reitera a sua preocupação com a inclinação de Nyusi para Kigali tendo em conta dois aspectos. O primeiro e o mais importante é que Nyusi está em fim de mandato e, por isso, se devia abster de tomar tão importante decisão e cuidar de fazer as malas para a reforma. O segundo aspecto tem que ver com o facto de a relação entre Kigali e Maputo não ser transparente, sobretudo do ponto de vista de ganhos que o Ruanda tem ajudando Moçambique. É ainda mais preocupante o silêncio do Estado, das suas instituições e da sociedade que assistem a uma relação que pode ser prejudicial para o país no futuro, sobretudo quando o Ruanda começa a mostrar uma viragem para a parte social, nomeadamente reconstruindo escolas e entrando em obras de caridade, provavelmente com o objectivo de captar a simpatia das comunidades.



Construindo uma sociedade democrática que promove, protege e respeita os Direitos Humanos.

Building a democratic society that promotes, protects, respect human rights & transform people's lives.

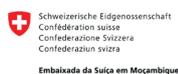
INFORMAÇÃO EDITORIAL:

Propriedade: CDD – Centro para Direitos Humanos
Director: Prof. Adriano Nuvunga
Editor: André Mulungo
Autor: CDD
Layout: CDD

Contacto:
Rua de Dar-Es-Salaam Nº 279, Bairro da Sommerschild, Cidade de Maputo.
Telefone: +258 21 085 797

 CDD_moz
E-mail: info@cddmoz.org
Website: <http://www.cddmoz.org>

PARCEIROS DE FINANCIAMENTO



Embaixada da Suíça em Moçambique

